

Uma costura delicada

MIGUEL JORGE*

Com a visita do presidente Fernando Henrique Cardoso à Alemanha e à Holanda e a que fará à Espanha no fim do ano, o Brasil começou a desenvolver novas ações para unir o Mercosul à União Européia, sem prejuízo das suas relações econômicas com outros parceiros e independentemente de eventuais problemas enfrentados no Cone Sul.

Assiste-se, assim, a uma costura delicada entre os dois blocos: a UE, que busca acelerar sua integração, mesmo sem adesão de todos os países (Dinamarca, Inglaterra e Suécia podem ficar fora da zona do euro por algum tempo), e o Mercosul, que tenta se recuperar das perdas de 1999 e enfrenta a estagnação da economia argentina, a polêmica em torno do açúcar no intercâmbio regional e as divergências sobre o acordo automotivo. Dentro desse quadro, a viagem do presidente à Alemanha, que incluiu encontros com o primeiro-ministro Gerhard Schroeder e empresários locais, visa a acelerar os entendimentos para criar uma área de livre comércio entre os dois blocos, com relações mais concretas.

Mas todo esse esforço do governo, desde o ano passado, poderá ser inútil se os europeus não se convencerem de que a revisão das barreiras agrícolas, com suas tarifas irrealistas para as exportações do Mercosul, é um fator básico para uma futura abertura do comércio intrablocos.

O fato de os Estados Unidos poderem usar seu superávit orçamentário para aumentar os gastos com subsídios agrícolas – isto é, mais dificuldades para produtos brasileiros entrarem no mercado americano – e de as nações ricas da UE abusarem na ajuda direta a seus agricultores torna ainda mais importante a visita do presidente Fernando Henrique à Alemanha e aos Países Baixos.

Recentemente, a OCDE, organização que congrega os países industrializados, confirmou que a ajuda aos agricultores dos países ricos – mais de US\$ 360 bilhões em 1999! – voltou a alcançar os níveis estratosféricos de antes da Rodada Uruguai de Negociações Multilaterais, o que torna a agricultura o setor mais subsidiado do comércio mundial e a um ritmo que aumenta cada vez mais.

Essa “ajuda” aos agricultores dá-se com créditos subsidiados, apoios alimentares, empresas estatais e outras espécies de incentivos concedidos sem regras – por isso, não existem – e no “princípio” da globalização de mão única, contra a qual o Brasil e o grupo de Cairns (18 países exportadores liderados pela Austrália) têm se insurgido em todos os fóruns internacionais.

No caso do Brasil, apesar de suas relações políticas satisfatórias com a maioria dos países industrializados, as atuais políticas agrícolas americana, européia e asiática nas nações ricas prejudicam gravemente o país. No caso do arroz, por exemplo, os agricultores japoneses recebem do governo US\$ 1 mil por tonelada produzida – 10 vezes mais do que o seu preço.

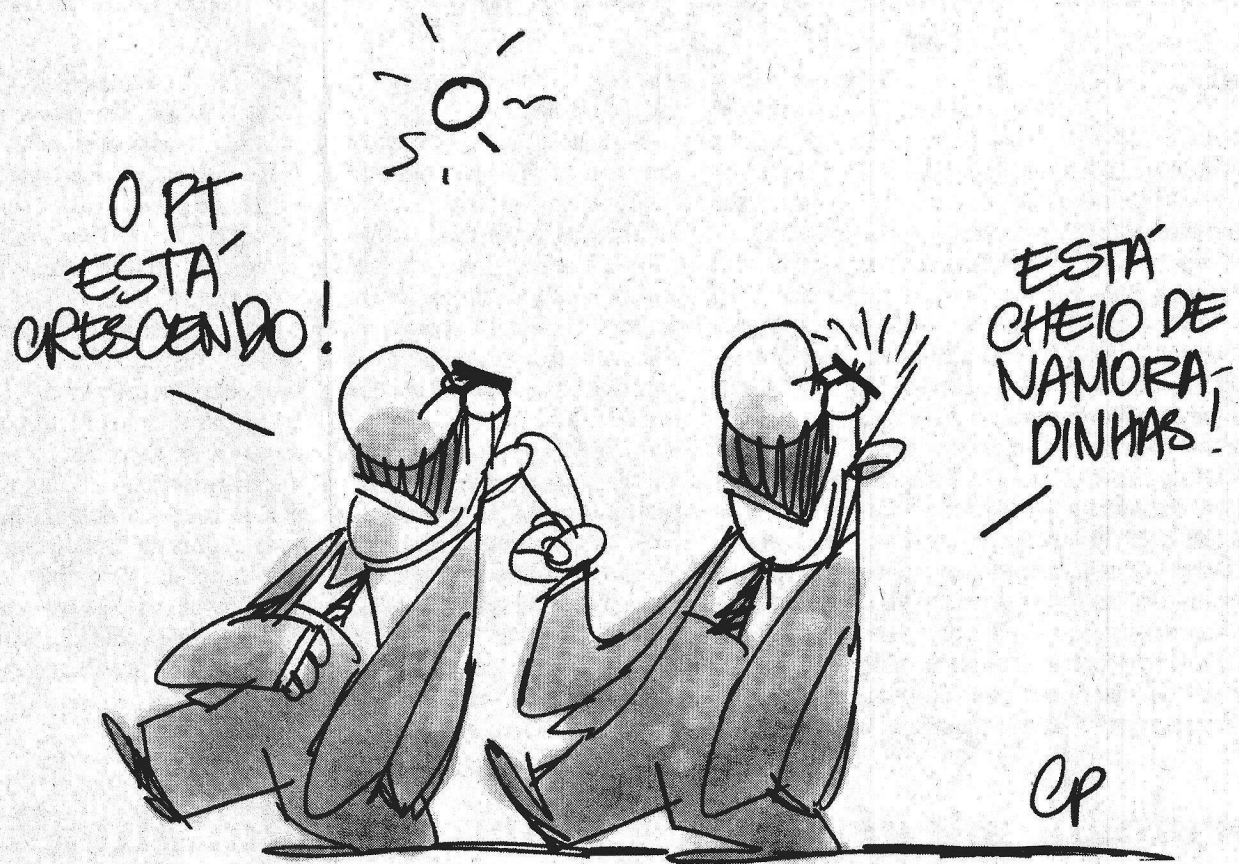
Diante dessa hipocrisia do chamado livre comércio, de nada adiantaria o Brasil produzir 100 milhões de toneladas de arroz, se o agricultor gaúcho – para mencionar, por exemplo, o de um estado onde o arroz, o trigo e outros produtos agrícolas têm sofrido tal tipo de concorrência – não tiver renda via mercado para vender sua produção, como disse o ministro da Agricultura, Pratini de Moraes.

Por tudo isso, a visita do presidente à Alemanha – país com o qual o Brasil manteve um intercâmbio de US\$ 8 bilhões no ano passado – e aos Países Baixos, nome oficial da Holanda, e a sua próxima viagem à Espanha, ainda este ano, têm uma importância especial.

Certamente, o resultado dessas conversações serão transmitidas aos demais sócios do Mercosul – Argentina, Paraguai e Uruguai –, para que todos possam refletir e assumir posição. O projeto brasileiro de criar um bloco de livre comércio entre o Mercosul e os países andinos – acertado recentemente em encontro de seus presidentes – permitirá que se forme uma posição capaz de fortalecer diante da União Européia a parte mais pobre da região, qualificando-a mais para negociar com os irmãos ricos.

Mas isso não quer dizer que os países do Mercosul não tenham de se unir ainda mais, como tentam fazer os países da União Européia ao acelerarem as suas reformas institucionais e de integração, para que possam enfrentar o protecionismo das economias desenvolvidas. A visita do presidente Fernando Henrique Cardoso à Europa traz a expectativa de que, a partir de agora, o Brasil rejeite qualquer negociação que não inclua a rediscussão dos subsídios aos produtos agrícolas, que trazem enormes e irreversíveis prejuízos para a economia brasileira.

CLÁUDIO PAIVA



claudiopaiva@jb.com.br